

PREFÁCIO

Na elaboração do livro *Dicionário do palavrão e termos afins*, o autor resguardou-se severamente deste risco: o de que a aparência de trabalho científico servisse de pretexto para a salacidade. Não se trata de obra salaciosa sob a aparência de erudita. Nem sequer o autor acolheu, para ilustração de explicações de alguns termos porventura menos concretos, trechos de escritores brasileiros de hoje - vários dos quais vêm se extremado no abuso desnecessário, e com intuítos por vezes comerciais, de palavrões - que perturbassem o caráter do livro, tornando-o, nessas ilustrações, vulgarmente obsceno ou fescenino. Mais: parecendo fazer do autor do *Dicionário* um auxiliar de uns poucos editores no generalizado afã atual, da parte deles, de comercialização de quanto seja tema ou vocábulo sexual ou termo ligado às funções digestivas do homem.

O que fez o autor, elaborando um *Dicionário do palavrão e termos afins*, foi reconhecer a existência desses termos na língua portuguesa; apresentá-los, ligá-los, do ponto de vista semântico completado pelo folclórico, ao que se pode talvez denominar uma ecologia, em nosso idioma, dessa espécie de linguagem - sendo, talvez, essa linguagem, na língua portuguesa, menos abundante e menos rebarbativa do que noutras línguas. Seu levantamento não deixa de se impor como um conjunto que se indique a sua extensão; e que precise, ao lado da sua variedade de origens populares predominantes sobre as eruditas, o seu volume. A riqueza de suas metáforas. Seu colorido ou sabor ecológico e até telúrico.

O *Dicionário* destina-se, dentro do critério, além de semântico, sociologicamente folclórico, a definir os termos que apresenta. O que faz linearmente. Sem sugestões outras que dêem ao *Dicionário* o aspecto de obra não simplesmente erótica porém neurótica: o caso de grande parte de obras atuais, quer de ficção, quer de teatro, que, na aparência, eróticas, são, na verdade, isto: neuróticas.

O estudo sobre o palavrão na língua portuguesa que o *Dicionário* elaborado pioneira, lúcida e pacientemente por Mário Souto Maior representa não é nenhuma exploração dos aspectos salaciosos que o autor poderia apresentar enfaticamente do assunto disfarçando salacidade com o rótulo de estudo ou a simulação de ciência: Ciência folclórica ou ciência semântica. Mais do que isto, é uma sociologia ou ecologia do palavrão na língua portuguesa do Brasil. Quem versa a matéria é intelectual consciente de sua responsabilidade e cioso de sua dignidade de homem de letras e de homem de ciência como é Mário Souto Maior. Inevitável é, no trato de assunto tão complexo, a inclusão, por vezes, de caracterizações do que, nessas palavras, é sugestão de quanto, no comportamento sexual do homem - tema de memorável pesquisa de Kinsey - ou no exercício de suas funções digestivas - assunto de obra clássica em língua inglesa: o *Tale of a Tub*, de Swift - contradiz, quando dito ou escrito com todos os ff e rr, normas dominantes de moralidade; ou de moralismo; ou, simplesmente, de bom-tom, de etiqueta, de boas maneiras; e, em certos casos, convenhamos que de bom gosto. Um bom gosto que tem os seus direitos em qualquer criação artística ou linguagem literária ou teatral que se resguardem do acanalhamento.

Nada, porém, de sacrificar-se o trato do tema - sexo - em literatura, ou em arte ou em história ou em ciência social, a exigências de etiquetas em que se exprimem arbitrários tabus. Exigências que, através do moralismo de mal informadas censuras policiais, atinjam um Wilde, um Joyce ou um Lawrence ou um Gide. Não nos esqueçamos de que, na Europa Vitoriana,

houve tempo em que, em certos meios mais pudibundos, era impróprio falar-se em "pernas de mesa". Vivia-se a época das saias compridas e até de cauda. Das pernas de mulher de todo escondidas. Das curvas naturais das nádegas disfarçadas pelas artificiais das anquinhas.

Considerado do ponto de vista quanto possível cientificamente folclórico ou cientificamente semântico ou cientificamente sociológico - como no *Dicionário* que agora aparece - o palavrão é elemento útil para a caracterização do *ethos* de uma sociedade ou das constantes de uma cultura ou da identificação de um tempo social. Das constantes e das origens dessa cultura. Das tendências dessa sociedade. Dos pendores desse tempo social. Pena, a esse propósito, que Mário Souto Maior não tenha se valido de maior número de exemplos clássicos. Clássicos literários e clássicos da crônica histórica. Matéria que poderia ter colhido não só em Bocage e Guerra Junqueiro, como em Gil Vicente, em Gregório de Matos e em documento valioso do século XVI: as catolicíssimas *Denúncias do Santo Ofício*. Nestas, o autor deste prefácio, ao elaborar, no começo da década de 30, seu *Casa-grande & senzala*, deparou-se com expressões grosseiras e surpreendentemente obscenas da parte de colonos com aparências de virtuosos. Expressões que registrou no mesmo livro, como "jurar pelos pentelhos da Virgem" e "ardor de rabo". Expressões nas quais o médico-anropólogo inglês John Sargant comunicou a esse seu colega brasileiro ter encontrado sugestões do maior valor para os estudos que o consagram mestre de renome internacional em Psicologia Social.

Do palavrão, pode um pesquisador valer-se como um dos elementos que o auxiliem a concluir o que, no comportamento sexual de uma sociedade, é ecológico e culturalmente condicionado. A que sugestões de origem animal ou vegetal se prendem esse comportamento e a linguagem e os gestos que lhe são próprios, quer secreta, quer ostensivamente. E, quase sempre, os gestos, expressiva e simbolicamente. No Brasil, banana e cipó, por exemplo. Bode. Vaca. Cobra. Borboleta. Veado. Manzape. Tomates. Ovos. Nabo. Boto.

Sugestões a que se juntam as mágicas, as animistas, as fetichistas, as subscientes, as dos sonhos. Sonhos tão ligados à cultura popular brasileira através de interpretações para o "jogo do bicho", nas quais por vezes se faz presente o elemento erótico. Assunto que merece ser versado por discípulo brasileiro do admirável mestre francês no assunto que é Jean Duvignaud.

O *Dicionário* organizado por Mário Souto Maior não se aprofunda em estabelecer essas correlações, que seriam de caráter mais que folclórico ou semântico: psicológico-social. Antropológico em profundidade. Não vai a tanto. Nem entra na caracterização de origens étnico-culturais ou histórico-sociais de alguns brasileirismos eróticos. Xumbergação ou uxumbergações, por exemplo: vocábulos estudados magistralmente por Alfredo de Carvalho. Tais aprofundamentos não caberiam num dicionário: obra de síntese. E como obra de síntese, o trabalho do Mestre Mário Souto Maior se apresenta admirável.

Puramente explicativo, como é, sem revelar na divulgação, a título de exemplos do apenas salacioso, do apenas fescenino, do apenas acanhado de expressões, os exemplos colhidos em obras de escritores e semi-escritores atuais do nosso país representam contribuição deveras esclarecedora para a interpretação - acentua-se - do *ethos* brasileiro. Inclusive em contraste com o português da Europa através das duas linguagem, obscenas, a do Brasil e a de Portugal. Curioso encontrarem-se palavras de uso ou abuso obsceno no Brasil, como *boceta*, que em Portugal têm apenas o sentido de descrição de objeto nada ligado a sexo. O inverso acontece com a palavra *tomates*: em português de Portugal, na sua conotação sexual, o mesmo que testículos. Ou, no Brasil, ovos, e em inglês *nuts*.

O *Dicionário* que agora aparece apresenta dos palavrões brasileiros o que neles é corrente,

vivo, comunicativo, sugestivo. Corrente nas ruas, nos mercados, nas oficinas, nos ajuntamentos de homens mais do que de mulheres, embora haja hoje tendência para umas tantas mulheres - sobretudo jovens - de classes médias e altas, e não apenas da plebe, usarem, mais como simples palavras enfáticas do que como os palavrões de outrora, termos como "fresco", "frescura", "esculhambar", "esculhambação".

O autor do *Dicionário* evita a pornografia pela pornografia, embora não pretenda estrangular o que é erótico na língua portuguesa do Brasil: o comunicativamente erótico ou o apenas descritivamente erótico. Seria um moralista caturra se se apresentasse, no seu *Dicionário*, como um antierótico, a exibir repugnância pelo que é vivo e corrente na linguagem mais secreta que aberta, porém de modo algum inexpressiva da sua e nossa gente. Fixa predominâncias regionais. Acentua usos generalizados no país inteiro ou quase inteiro. Revela-se conhecedor tanto de escritores literários - embora algumas deficiências possam ser apontadas nesse setor - como do próprio linguajar plebeu do Brasil. É, assim, um trabalho, este, que faltava aos estudos sociais, folclóricos, semânticos, desde a década de 20 tão em desenvolvimento no Brasil; e tão característicos do afã do brasileiro do conhecer-se cada dia mais a si mesmo e de, cada vez mais, interpretar-se por seus próprios intérpretes.

Gilberto Freyre
Apipucos, Maio, 1979

Fonte: FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: MAIOR, Mário Souto. *Dicionário do palavrão e termos afins*. Rio de Janeiro: Record, 1990. p. 13-17.